

Brasília: A construção do cotidiano de Brasilmar Ferreira Nunes (Org.). Brasília: Paralelo 15, 1997, 302 páginas (Coleção Biblioteca Brasiliense)

*Lúcia Cony Faria Cidade**

Construída a partir do que se poderia chamar de um imenso vazio, Brasília foi criada com a clara intenção de tornar-se um modelo de cidade. Um modelo a ser admirado pelo mundo e seguido, na medida do possível, por outras cidades brasileiras. A nova capital seria o símbolo da entrada do Brasil, ainda que tardia, nos benefícios do tão desejado desenvolvimento. Localizada no meio da grande fronteira de expansão a ser consolidada no Brasil central, a cidade deveria também cumprir objetivos geopolíticos de ocupação do território e de interiorização do desenvolvimento. Fruto de um projeto modernista, selecionado por júri internacional, o desenho urbano vencedor, apresentado de forma quase esquemática por Lúcio Costa, sobressaiu entre várias propostas mais detalhadas e completas. O que deu um caráter irresistível ao projeto aparentemente simples foram as características de monumentalidade explícitas pelo traçado urbano, as únicas condignas de uma capital.

A proposta modernista, que havia dominado os círculos de elite de arquitetos e urbanistas brasileiros na década de cinquenta, consagrou o racionalismo como instrumento de eficiência funcional e promoção de qualidade de vida nas cidades. O projeto da nova capital, imbuído de pressupostos deterministas, representou mais um canal para a ansiedade com que se desejava superar, de forma voluntarista, alguns dos principais efeitos do atraso em que se encontrava o país.

O espaço construído, urbanizado segundo os cânones da ambiciosa Carta de Atenas, demonstraria seu poder de ultrapassar, como uma segunda natureza, os efeitos perversos da difícil e conflitiva vida em uma sociedade de pesada herança colonial.

* Lúcia Cony Faria Cidade é professora adjunta do Departamento de Geografia do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília.

Passados mais de trinta anos após sua inauguração em 1960, terá Brasília conseguido desempenhar-se à altura de tantas expectativas? Terá o desenho urbano cuidadoso, sofisticado e impregnado de intenções sido capaz de superar as influências de uma organização social autoritária e excludente? Qual será a verdadeira feição atual dessa cidade em que tudo, ou quase tudo, foi previsto? Terá a população que vive em Brasília conseguido beneficiar-se dos ambiciosos propósitos que cercaram o projeto original e transformar-se em parte de uma utopia viva? Será, inversamente, o povo de Brasília verdadeiramente representativo da nacionalidade brasileira neste final de milênio?

Diante de tantas questões de evidente interesse, *Brasília: a construção do cotidiano* reúne um conjunto privilegiado de textos, fruto de pesquisas de diversos professores e um pós-graduando da Universidade de Brasília. Audaciosamente, o livro propõe-se a “desvendar a cidade como a *urbe* que já apresenta características metropolitanas e cosmopolitas com as peculiaridades que apenas a Capital dos brasileiros poderia oferecer”. Já na Apresentação, o organizador fornece pistas do que está para ser descerrado:

Isso significa que, ao mesmo tempo que se trata de um espaço social pensado *a priori*, e que, portanto, guarda algumas singularidades que dão à cidade uma identidade própria, reproduz características já seculares da sociedade brasileira.

Acrescenta também uma questão-chave, cuja busca é compartilhada por vários dos artigos do livro: a descoberta da identidade de diferentes grupos sociais que vivem em Brasília.

CONTEXTO EMPÍRICO

A busca de modulações para o fato de que a Brasília realizada e vivida representa ao mesmo tempo algo de único, fruto de seu planejamento original, e algo de comum a outras grandes cidades brasileiras, decorrente de sua localização no espaço e no tempo, já justificaria a organização de uma coletânea. O que se apresenta, no entanto, ultrapassa em amplitude e em profundidade, a reiteração do que a experiência vivida e as reflexões informadas apropriadamente antecipam. Por meio de novos modos de perceber a realidade, o livro traz perspectivas atualizadas e novos desafios. A obra reúne textos que se organizam, de um lado, em torno da investigação da própria cidade, e de outro, em torno de segmentos significativos da população atual de Brasília.

O livro tem ênfase inegavelmente sociológica mas inclui algumas contribuições de representantes de outras disciplinas. A obra, no entanto, estende-se além do estudo de relações sociais, no sentido estrito. Talvez sob a

influência do viés urbano e regional que faz parte da trajetória acadêmica e profissional do organizador, o livro oferece exemplos de como trabalhar dentro do rigor disciplinar e, ao mesmo tempo, ousar criativas incursões por campos afins de conhecimento. O resultado, amplamente positivo, reúne textos independentes que, à medida que se vai avançando na leitura, passam a constituir um quadro coerente, fidedigno e profundamente crítico de Brasília e de sua população. A busca de conhecimento, explicações e, portanto, de soluções para problemas estruturais e conjunturais que afetam a vida da população da cidade está presente, de forma explícita ou implícita, ao longo de toda a obra.

Convém lembrar que a sociologia urbana, particularmente desde a Escola de Chicago e passando pelos marxistas, tem perseverado em oferecer contribuições teóricas e empíricas relevantes para o estudo das cidades. O artigo de Brasilmar Ferreira Nunes, organizador de *Brasília: a construção do cotidiano*, sem a pretensão de sintetizar as contribuições do livro, sinaliza o tom geral. Dentro de uma perspectiva que privilegia reflexões sobre a experiência vivida, o artigo valoriza a procura da compreensão de fenômenos que envolvem grupos de habitantes da cidade. No entanto, aos poucos, vai se revelando o fato de que, para o organizador, como para o conjunto da obra, há uma outra preocupação: conjugar diferentes interpretações sobre os traços formadores da identidade de grupos de habitantes da capital, com a tentativa de caracterizar a própria cidade de Brasília enquanto objeto de reflexão. Torna-se aos poucos evidente que, observadas as nuances teóricas e metodológicas de cada um dos autores e ao lado da busca explícita da identidade de grupos específicos, a cidade é o grande personagem a ser desvendado.

O objeto privilegiado é, portanto, uma combinação de atores sociais com características, problemática e dinâmica próprias, com a própria cidade de Brasília, enquanto produto do modernismo que adquiriu traços particulares. A dinâmica em questão inclui, segundo enunciado do prefaciador, a transformação da cidade de *espaço construído* para *espaço sociológico e político*. Em sintonia com essa preocupação, o organizador cobra, para a capital, uma imagem menos dissociada da realidade do país: “Com exceção de sua arquitetura, a cidade não conseguiu ainda se firmar como a mais completa tradução da cultura brasileira”. (Nunes, p. 30). Essa cobrança acaba revelando uma ambivalência compartilhada por muitos dos que vivem na cidade. Ao mesmo tempo em que valoriza a ousadia arquitetônica, que torna Brasília única, quase deseja a adesão da capital a uma comunalidade, de resto, inevitável.

Acrescentando uma dimensão sinestética às análises, a capa de *Brasília: a construção do cotidiano* convida à reflexão. Traz uma fotografia com a

imagem de um prédio empresarial de arquitetura pós-moderna, característico das áreas de ocupação mais recente da cidade. Essa abertura para absorver novos estilos deixa intuir o fato de que as influências da sociedade mundial sobre a escala local — e uma delas é sem dúvida a arquitetura pós-moderna — representam ainda uma faceta a ser incorporada na composição de uma leitura fidedigna da cidade. Nessa linha, o conjunto de estudos reunido no livro está

compreendendo a cidade como linguagem, cidade como história, cidade como lugar onde a cultura de uma sociedade deixa-se ler nos signos expostos — arquitetura, mobiliário das ruas, praças, placas e anúncios, monumentos e obeliscos —, visibilidade inequívoca da *urbes*. (Santos, 278)

INSTRUMENTAL TEÓRICO

Atual, porém mantendo laços com explicações clássicas, o arcabouço conceitual adotado no livro *Brasília: a construção do cotidiano* não ignora algumas das grandes características da ciência social na pós-modernidade. Intui-se uma cautelosa crítica ao uso de meta-narrativas e determinações históricas como referenciais absolutos, ao mesmo tempo que revela-se a busca de recortes teóricos capazes de explicar a emergência de novos sujeitos sociais dissociados das tradicionais estruturas de classe. O organizador pergunta-se qual seria o discurso adequado para a nova realidade: “Se é um espaço social onde não se pode enquadrar as categorias sociológicas de proletariado e burguesia, qual seria o corte necessário?” (Nunes, p. 20). Ao mesmo tempo, expressa-se, ao longo do livro, a procura por metodologias flexíveis e condizentes com a novidade e transitoriedade dos fenômenos contemporâneos. O organizador considera, ainda, importante encontrar uma metodologia que dê conta de fenômenos específicos a Brasília, que ultrapasse

(...) as referências teóricas tradicionais, próprias para estudos de espaços urbanos clássicos, porém limitados quando se quer perceber a originalidade do fato urbano local. (Nunes: pp. 18-19)

Faz referência aos trabalhos do Prof. Aldo Paviani, um dos colaboradores da obra, que adota “um enfoque que foge ao modelo tradicional e institucionalizado de se pensar esse espaço”.

Várias das análises no livro organizado por Brasilmar Ferreira Nunes privilegiam, como objeto, grupos sociais característicos de Brasília ou categorias comuns a grandes cidades brasileiras, buscando descobrir os contornos de um discurso específico, que reflita a construção de uma identidade brasiliense. As pesquisas buscam também compreender diferentes visões de mundo e explicitar relações significativas por meio da decodificação de

discursos de diferentes atores sociais. A tônica das formulações reflete temas clássicos com formas contemporâneas, privilegiando cultura, formas de sociabilidade, estratégias para lidar com conflitos, cotidiano, vivências, imaginário social, ideário e manifestações simbólicas, dentro de um contexto urbano.

RESULTADOS

Cumprindo expectativa formulada no início do livro, os resultados apresentados contribuem para resgatar o papel histórico da criação da cidade e o papel contemporâneo de Brasília enquanto aquela que se tornou, não apenas formalmente mas também de fato, a capital do Brasil. Por um lado, a cidade investiu-se do papel de centro político e decisório da nação, núcleo do poder do Estado e ponto de convergência de manifestações da sociedade. Por outro lado, com enorme contingente de população migrante representativa de todas as regiões do país, Brasília não conseguiu escapar dos efeitos da pobreza e da exclusão que se abatem sobre as grandes cidades brasileiras. Os textos de *Brasília: a construção do cotidiano* revelam, também, incursões não discerníveis a um olhar pouco atento: começam a antever o papel de Brasília enquanto parte de um sistema urbano mundial; reconhecem a articulação de atividades locais com tendências da sociedade pós-industrial (pós-fordista ou pós-moderna, segundo diferentes linhas); e vislumbram as influências de processos econômicos e culturais globais que envolvem tendências a um tempo diversas e complementares, como homogeneização e individualização do espaço local.

Os textos proporcionam rico material para reflexão sobre processos de exclusão característicos da sociedade brasileira e reproduzidos em sua capital. Um exemplo é o sistema adotado na construção civil, um dos únicos setores industriais que se estabeleceram desde o início em Brasília e que, apesar de reiteradas crises, conseguiu distinguir-se em escala nacional. A organização da produção na construção civil tem sido tradicionalmente reconhecida como uma das mais atrasadas. Suas principais características encontram raízes nos primórdios do capitalismo, reproduzindo a organização hierárquica de mestres, contramestres e aprendizes. Nesse contexto, o canteiro de obras, objeto do estudo de Nair Bicalho, pode ser caracterizado como uma instituição total que reproduz espaços de exclusão característicos da sociedade externa; e notabiliza-se pela clareza com que a desigualdade, a hierarquia e o autoritarismo são incorporados como necessários para o controle dos empregados. Para a mão-de-obra de baixa qualificação, uma alternativa é o mercado informal. A outra, é a criminalização. Essa, em muitos casos, aparece como algo que se vai

insinuando aos poucos, quase com naturalidade. No caso do estudo de Maria Salete Machado sobre meninos de rua, a criminalização revela-se uma forma de sobrevivência, uma reação a uma sociedade violenta e excludente.

Outro tema para reflexão que emerge do livro é a relação de diferentes grupos com a cidade e com o urbanismo modernista. Esse enfoque, embora não central aos procedimentos metodológicos predominantes, aparece em alguns trabalhos e acaba por revelar achados originais como a descoberta de formas de territorialidade e a emergência de uma imagem atualizada de Brasília. Nesse sentido, uma das contribuições significativas da obra foi permitir a distinção entre a imagem projetada na fase de construção da cidade e a imagem contemporânea. As inúmeras diferenças entre o discurso fundador e o que foi, de fato, implementado deixam claro que a imagem realizada é muito diferente da visão da utopia.

Ao focalizar-se o olhar sobre as diferentes imagens de cidade distribuídas ao longo do livro, o que mais chama a atenção são os contrastes. Um exercício de síntese, a partir dos próprios textos, pode enriquecer o argumento. Assim, a imagem de *cidade planejada, dotada de uma ordem referencial* e caracterizada pelo *controle*, pela *rigidez de usos do território* e pela *abundância de terras* (Nunes, 17, 19 e 21) é prontamente contrabalançada por uma realidade em que há *espaços transgressores* (Nunes, p. 20), há usos específicos da terra em locais previstos para outros fins pelo planejamento e há preços da terra e de imóveis muito elevados com relação a outras cidades. A abundância de terras, que seria um meio de viabilizar o planejamento, acabou servindo de instrumento para políticas incrementalistas. Um dos exemplos mais conhecidos é a *doação de lotes*, que teve como um de seus resultados a atração de migrantes (Rua, 213). O livro mostra que o controle também é exercido no espaço social, em particular o *controle no canteiro de obras* (Bicalho, 149). Uma das manifestações atuais que espelham a dicotomia controle-transgressão parte de extratos jovens, com a *cultura da festa como espaço de desregramento e descompressão* (Madeira, 259).

À imagem da cidade *protótipo do urbanismo modernista* (Paviani, 45; Santos, 271), fundamentada no *determinismo espacial* (Nunes, 13) na *organização residencial coletiva* e na visão de *espaço geográfico privilegiado* e de *cidade da utopia* (Siqueira e Bandeira, 236 e 250) encontra contraste no fato de que, em Brasília, mais do que em outros lugares, as *assimetrias sociais* expressam-se bastante nitidamente (Rua, 213), na conhecida *segregação sócio-espacial* (Nunes, 15 e 21; Paviani 60). Se, por um lado, na cidade planejada há *homogeneidade do espaço, estilos de vida e linguagens* (Girard, 192) há também, no âmbito doméstico, um *esforço para recriar lugares de*

subordinação (Girard, 204), enquanto alguns grupos de excluídos vêm a casa como *imagem de insegurança* (Machado, 293). Se, por um lado o *racionalismo afogou dimensões simbólicas* (Siqueira e Bandeira, 244), há também *perspectiva e desejo de mudança* (Siqueira e Bandeira, 238, 240) e a busca da transcendência, por meio do esoterismo e da *proliferação de grupos e seitas* (Siqueira e Bandeira, 228). Ao mesmo tempo que acolhe religiões exóticas, a população da cidade adota escolhas eleitorais que refletem *racionalidade cultural*, uma mistura de escolha racional e cultura política (Rua, 225).

À imagem da cidade de *espaços cosmopolitas* (Nunes, 23 e 25), de *cultura mundializada* (Madeira, 260) e com *ambiente cultural e de conhecimento favorável à inovação* (Maciel, 77), contrapõe-se ao reconhecimento, no espaço construído, de uma *tensão entre padrões transnacionais e padrões regionais ou vernaculares*. Enquanto encontram-se *altas rendas e um número alto de estrangeiros devido às embaixadas*, há uma *evidente tensão entre valores modernos e metropolitanos e os tradicionais, de raízes rurais* (Santos, 279). Essa tensão expressa-se na opinião dominante em certos extratos sociais de que a *melhor sociedade é a hierárquica*, indicando uma tendência ao *Hobbesianismo social* (Rennó, 112). A cidade é vista também como tendo gerado a imagem de *capital do rock* (Madeira, 261), de *cidade jovem* (Nunes, 17) e de *maior área urbana já tombada* (Santos, 272), devido, em grande parte à sua *arquitetura original* (Nunes, 14 e 16). A essa imagem, contrapõe-se a visão de que a *monotonia do Plano Piloto* só encontra ressonância no *tédio feio e sujo das satélites* (Nunes, 17). À imagem de uma cidade na qual *faltam espaços de socialização* (Siqueira e Bandeira, 243), contrapõe-se a descoberta da *rua como lugar coletivo e também de discriminações sociais* por meninos e meninas de rua (Machado, 295), verificando-se também a *constituição de grupos pequenos e fechados* (Siqueira e Bandeira, 244).

À imagem disseminada de Brasília como uma cidade constituída por uma população à qual falta identidade, contrapõe-se o fato de que, desde o início, a cidade foi *palco de movimentos sociais urbanos pela terra* (Nunes, 31) e de *movimentos populares* (Paviani, 39). Ao lado de uma *classe média ampla e homogênea* (Madeira, 260, Santos, 280) e com *valores associados ao individualismo* (Souza, 136), a cidade é *palco de movimentos organizados, profissionais, religiosos e ambientais* (Nunes, 20; Girard, 192). Enquanto se encontra a *moral machista nos grupos de meninos de rua* (Machado, 295), há na classe média uma *visão relativamente pouco tradicionalista do comportamento pessoal* (Souza, 136). Ao lado da *intimidade com o poder do*

Estado (Nunes, 23), há a *inexistência de confiança mútua* a *falta de confiança nos atores das instituições democráticas* (Rennó, 111 e 112). À constatação de uma população com *baixo índice de associativismo* (Rennó, 111) e de empregadas domésticas que se caracterizam pela *ausência de realidade e recusa de identidade* (Girard, 197), contrapõe-se a descoberta de que *construi-se uma identidade dos operários da construção civil*, pautada, ao mesmo tempo, na sociabilidade e no conflito (Bicalho, 176).

Enquanto disseminou-se a imagem de Brasília como uma cidade de *altos níveis de qualidade de vida* (Paviani, 60), *pouca violência* (Nunes, 23), *trânsito civilizado* (Nunes, 23), *expectativa de aventura* (Nunes, 19), de *melhoria de vida* (Machado, 290), de *alta renda* (Nunes, 23; Maciel, 78) e de *cidade do futuro*, de *população jovem e relativamente instruída* (Maciel, 77 e 83), os próprios autores apontam a má distribuição de equipamentos urbanos, as *várias formas de violência* (Machado, 291), a *violência doméstica e policial*, das quais são objeto os meninos de rua (Machado, 294 e 298), o *transporte coletivo deficiente* (Nunes, 23; Paviani, 60), e a visão de Brasília como *centro de desemprego e precarização* (Paviani, 52 e 60), onde há pobreza, analfabetismo e mortalidade infantil com em outras cidades brasileiras.

Esse exercício confirma, por um lado, que toda tentativa de síntese faz-se ao custo de omitir detalhes relevantes e, às vezes, características estruturais de linhas de pensamento específicas. A síntese explícita, contudo, articulações internas no conjunto observado e contém o potencial de gerar conhecimento além das fronteiras disciplinares. No caso desse exercício, que envolve Brasília, o que se revela com mais nitidez é que, a despeito do elevado nível de expectativa sobre a capacidade do modernismo induzir uma socialização mais igualitária do que no resto do Brasil, os contrastes e a desigualdade são semelhantes aos que existem em outras cidades. O espaço construído e o espaço social não são nem poderiam ser monolíticos, dotados de racionalidade e lógica únicas pois nem a natureza nem a sociedade são assim constituídas. Pelo contrário, as relações sociais continuam expressando a dialética do conflito e da transformação. Não poderia ser diferente com a formação de uma imagem desejada de cidade contraposta à imagem construída pelas relações do cotidiano. O livro mostra que, apesar da rígida proposta racionalista e, portanto, da pretensão do ter os conflitos gerenciados previamente, Brasília tem demonstrado conviver com essas dualidades, incorporando-as a seu *status* de capital e à sua dinâmica sócio-espacial.

APRECIACÃO

Um trabalho tão rico e sugestivo não pode, entretanto, ser imune a falhas. Verifica-se uma tendência a repetir críticas já reiteradas ao modernismo por seus fracassos e contradições. Não deixa claro em que medida as frustrações do urbanismo modernista devem-se a falhas inerentes à ambição da proposta ou à inércia de fatores estruturais do sistema social hegemônico. Revela-se, por outro lado, que a força do conjunto de textos resulta da busca reiterada de enfoque adequado aos fenômenos originais e mutantes em estudo. No entanto, essa força é também uma das suas fraquezas. Embora os enfoques teóricos revelem preocupações comuns e uma pronta agilidade para responder criativamente aos desafios da pós-modernidade, a falta de um eixo metodológico é a responsável por diferenças marcantes entre os textos. Essa heterogeneidade resulta em níveis diferentes de legibilidade, por vezes até mesmo entre diferentes partes de um mesmo texto. Fica a dúvida se essa variação reflete desafios na formulação de uma ciência social em sintonia com a mutabilidade e fragmentação que alguns atribuem a uma fase pós-moderna; ou, contrariamente, se revela uma sintonia com essa pós-modernidade.

O saldo da leitura é que a obra é uma adição inovadora, instigante e útil para estudiosos de uma área que vem sendo progressivamente documentada em aspectos geográfico-urbanísticos, embora seja ainda extremamente carente de estudos que articulem espaço e dinâmicas sociais específicas. Conforme este breve apanhado indicou, o livro organizado pelo professor Brasilmar Ferreira Nunes reuniu contribuições inegáveis. Os trabalhos esclareceram inúmeras questões sobre a identidade de grupos sociais que fazem de Brasília sua cidade-mãe. Mais do que isso, tornaram possível costurar uma imagem da cidade enquanto aglomerado e enquanto capital, enquanto escala local e enquanto parte de uma dimensão global. As questões que permanecem, apesar dos avanços registrados ao longo da obra, indicam caminhos para futuros desdobramentos.